

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES E SAGUENAIL
Sessão "Palcos e Plateaux 2"
24 de junho de 2024

RUKA / 1965 "A Mão"

um filme de Jirí Trnka

Realização e Argumento: Jirí Trnka / **Marionetas:** Bohuslav Šrámek, Jan Adam / **Fotografia:** Jiří Šafář / **Montagem:** Hana Walachová / **Música:** Václav Trojan / **Produção:** Loutkovy Film (com o apoio de Kolektiv Loutkového Filmu) / **Cópia:** DCP, cor, sonora (sem diálogos), 19 minutos / **Estreia:** 24 Setembro de 1965, Praga

O CEMITÉRIO / 2019

um filme de Saguenaíl

Realização: Saguenaíl / **Argumento** (diálogos): Regina Guimarães (a partir de Shakespeare: *Hamlet* - acto V, cena I) / **Assistentes de Realização:** Lucas Tavares, Melanie Pereira / **Fotografia:** Jorge Quintela / **Assistente de Imagem:** André Amaral / **Pós-produção de Imagem:** Paulo Américo / **Som e Misturas:** Rui Coelho / **Montagem:** Luís Vieira Campos, Saguenaíl / **Música:** Fernando Rodrigues / **Figurinos:** Diana Regal (assistida por Maria Coelho) / **Interpretação:** Nuno M. Cardoso, Jorge Mota, Ivo Bastos, Mário Moutinho, Pedro Frias, Malu Vilas Boas Cardoso, Sofia Nero Guimarães, Miguel Branca, Rui Spranger, Ângela Marques, Rita Burmester, João Cardoso, João Melo, João Paulo Costa / **Produção:** Saguenaíl / Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, cor, falado em português, 24 minutos / **Primeira projecção:** A Confederação, Porto, 2019 / *Primeira projecção na Cinemateca*

TRELA CURTA / 2015

um filme de Saguenaíl

Realização e Montagem: Saguenaíl / **Argumento:** Regina Guimarães (a partir de uma ideia de Saguenaíl) / **Fotografia:** Saguenaíl e Tiago Afonso / **Iluminação:** Paulo Castilho / **Pós-Produção de Imagem:** Pedro Silva / **Som e Misturas:** Rui Coelho / **Música:** Mickael Nick / **Cenários:** Alberto Péssimo / **Figurinos e Adereços:** Diana Regal / **Assistente de Plateau:** Hernâni Miranda / **Interpretação:** Jorge Mota, Igor Gandra, João Paulo Costa, Rui Spranger, António Durães, Mário Moutinho, António Capelo, Nuno M Cardoso, João Cardoso, Fernando Mora Ramos, o cão Tufão e Alberto Péssimo (no seu atelier) / **Produção:** Hélastre e Riot Filmes (Porto) / **Produção Executiva:** Inês Maia / **Cópia:** DCP, cor, falada em português, 84 minutos / **Primeira projecção:** Teatro de Ferro (Porto), 2015 / *Primeira projecção na Cinemateca*

duração total da sessão: 127 minutos
Com a presença de Regina Guimarães e Saguenaíl

O trabalho plástico, a acção sobre os materiais para deles retirar formas, continua a estar no centro desta sessão que dá assim continuidade à anterior, primeira parte desta e também intitulada "Palcos e Plateaux". E por isso regresso a Henri Focillon, que no seu "elogio da mão" (adenda ao *Vie des Formes*, publicado originalmente em 1939), descreve a mão como simultaneamente pedaço de corpo e de pensamento, que é, nessa confluência, o centro da acção e transformação das matérias e da criação das formas, através da qual o artista contacta com a duração do pensamento (ou com que o pensamento adquire uma plasticidade que dura).

É através da mão que Jirí Trnka expõe a pressão que o regime totalitário que regia o país onde vivia opera sobre o pensamento e sobre a criação. É o penúltimo filme do mestre da escola de animação checa, uma obra-prima testamentária, simultaneamente bela, angustiante e triste, onde um pequeno e

sensível oleiro procura resistir a uma enorme mão que irrompe insistentemente na casa onde trabalha e vive, e insiste para que não faça outra forma senão a sua própria forma – a mão. O filme é animado por simples e expressivas marionetas que só quando a luta contra a totalitária mão está perdida assumem os seus fios: o oleiro torna-se uma figura manipulada, puxada por cordéis que a obrigam a continuar a trabalhar e a produzir mãos que são cada vez maiores, ocupam um espaço cada vez mais esmagador, no plano assim cada vez mais apertado e dominado pela sua forma autoritária. No filme, só morto o artista é respeitado – mas não é o que acontece fora do filme: após a morte de Trnka as cópias de RUKA foram confiscadas e banidas da Checoslováquia durante 20 anos.

RUKA é um filme simultaneamente delicado e fortíssimo no modo como fala dos totalitarismos e das opressões que nos entram pela casa adentro, que ocupam e dominam a nossa sensibilidade, e destroem aquilo que nos é mais íntimo e precioso, sendo assim um filme tanto sobre o plástico e o trabalho de criação de formas, como sobre o modo como o poder pressiona e esmaga, a partir de dentro, essa criação.

Os discursos autoritários e fascistas (e suas declinações - machistas, racistas) dominam a restante sessão até se expandirem ao ponto de tornarem a própria sala de cinema um espaço totalitário, no último, TRELA CURTA (onde se dá (muita) trela a homens que discorrem, em monólogos expostos em cenários pintados, sobre a trela que defendem curta para os “pretinhos”, as mulheres, e outros seres incómodos). Mas mesmo O CEMITÉRIO abre logo com um homem a fazer *scroll* no seu telemóvel, onde passa rapidamente as mulheres com quem já se relacionou como numa lista (e lá vai fazendo tristes comentários sobre elas). O filme é uma sequência de diálogos (entre homens ou entre mulheres – não há mistura), escritos a partir de uma cena de *Hamlet* (a conversa entre dois coveiros) e têm sempre o telemóvel no centro, “máquina de roubar almas”, às vezes, cemitério, arquivo, do que se esquece ou quer esquecer, na maioria das outras vezes. Apesar da música permanente (que homogeneiza formalmente os vários cenários, que se tornam um só ambiente) ou dos *inserts* que em cada diálogo preparam o *décor* seguinte, e de haver assim ligação formal entre os vários diálogos, é sobretudo o texto, e a palavra dita, que domina o filme e todas as suas ligações.

Também TRELA CURTA é dominado pelo discurso: uma série de 10 monólogos que nem os cenários pintados por Alberto Péssimo (que já apareceu neste programa), cenários que vemos a serem projectados e pintados sob as ordens claras do realizador (cuja *mão* às vezes rouba a caneta ao pintor), aliviam a dureza do que é dito.

Cito Saguenail (numa entrevista a José António Cunha): “Pessoalmente, nunca utilizo o conceito de arte. Quando me doutorei, em 1984, a tese estava dividida em duas partes e a primeira chamava-se “O Cinema não é uma Arte”. A não ser que se vise o estatuto privilegiado do artista e o mercado como meta, não vejo o interesse desse conceito. Por isso concebo a minha actividade como uma forma de intervenção num campo particular. E essa intervenção é necessariamente política em duas dimensões. Primeira: eu sou indubitavelmente um produto do Maio de 68 e a consciência política que daí decorre orientou a minha vida, o meu pensamento e as minhas práticas. Segunda: o próprio cinema, mesmo quando se recorre à encenação, é sempre para mim uma forma de interrogar o chamado visível. O visível não é exactamente a realidade. O visível, em geral, é uma fachada mas, ao interrogá-la e ao confrontar o espectador com essa interrogação, desmancham-se os processos de camuflagem da própria realidade e do cinema em si. Tento contribuir para a formação de um espectador mais consciente, mais empenhado.”

TRELA CURTA foi feito logo a seguir a BRECH PARA PRINCIPANTES (já visto neste programa), e é ainda influenciado pelo que Saguenail pensou sobre o cinema a partir do dramaturgo: “quis fazer um filme mesmo com nada, um filme brechtiano. Com o aspecto simultaneamente didáctico e eivado de humor do Brecht – que é muito particular”.

Do maravilhoso filme de Jirí Trnka - que não se considerava cineasta, “mas um realizador plástico” - resta apenas a triste e opressiva mão que, com TRELA CURTA, se parece virar ostensivamente para o espectador, enfiado dentro de uma sala de cinema apertada, espaço de onde não é suposto sair (antes que o filme acabe). A trela parece ser aqui também o que liga o espectador à palavra dita, e o filme parece perguntar até onde aceitar, suportar, a sua curta extensão.